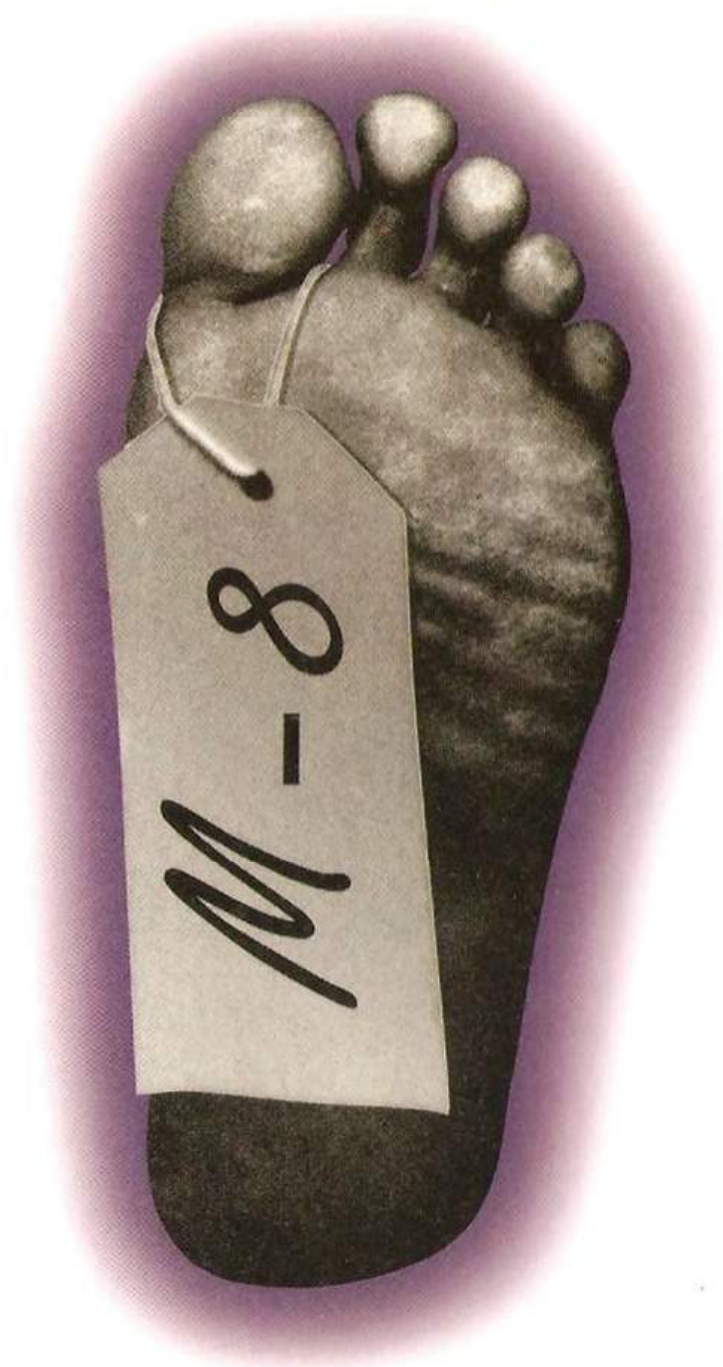


M-8

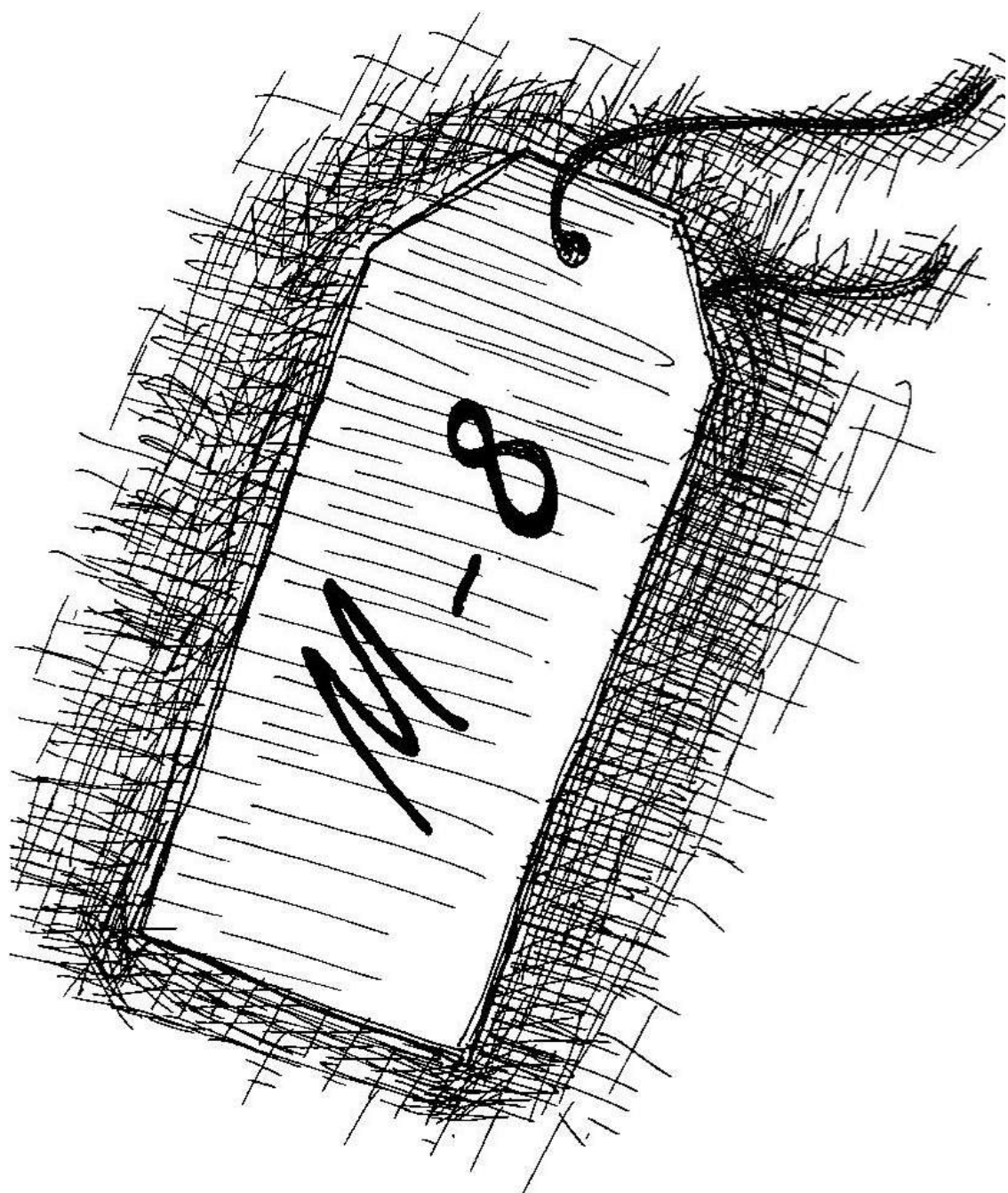
Quando a Morte Socorre a Vida



Salomão Polak

Numa trama bem montada, desfilam em *M-8, Quando a Morte Socorre a Vida*, personagens cujos destinos se entrelaçam como que traçados por uma força superior, pelo cosmos ou, quem sabe, por Deus- um grupo de estudantes de medicina, o professor de anatomia, os dois funcionários da faculdade, o velho catedrático; a mulher simples e humilde, moradora da favela; o padre e o prefeito de uma pequena cidade do interior. E, pairando sobre todos eles, M-8, unindo seus destinos, costurando suas vidas com um fio invisível, de modo a transformá-las para sempre.

Com uma bem dosada mistura de humor, sensibilidade e leveza de estilo, Salomão Polak descreve um cenário tipicamente brasileiro e aborda, ao mesmo tempo, questões universais, bastante delicadas - as diferenças sociais, o preconceito racial, a vaidade humana, mas também o respeito, a aceitação, a compreensão e o afeto que podem brotar entre as pessoas.



M-8

Quando a Morte Socorre a Vida

M-8

Quando a Morte Socorre a Vida

Salomão Polak



Belo Horizonte - 1996

© 1996 - Salomão Polak

Capa e Ilustrações:
Sonia Polakiewicz

Foto da Capa:
Paulo de Deus

Editoração:
Bits' Bureau de Informática e Serviços

Fotolitos:
Cromaster

Impressão:
Artes Gráficas Formato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Polak, Salomão

M-8: quando a morte socorre a vida / Salomão Polak.
-- Belo Horizonte : Crescer, 1996.

I. Romance brasileiro I. Título.

ISBN 85-85615-17-6

96-4432

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura brasileira
869.935
2. Século 20 : Romances : Literatura brasileira
869.935



Rua do Ouro 104 conjunto 605 - Serra - CEP: 30220-000
Fone: (031) 221.9235 Fax: (031) 221.7482
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

*O ser humano atribui significados
ao mundo.*

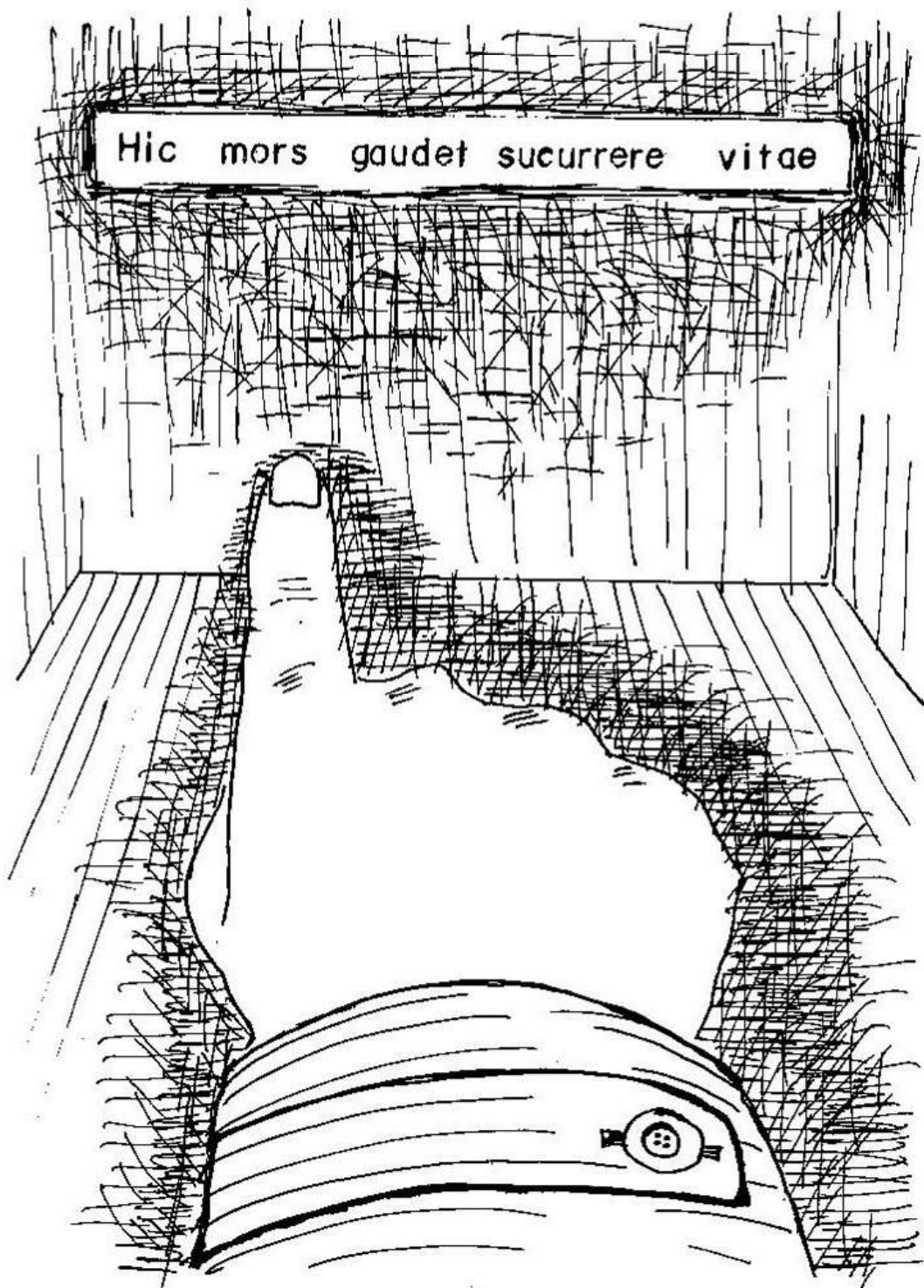
E isso faz toda a diferença...

*"Vi ontem um oleiro sentado diante
de seu torno, modelando as alças e
os contornos de um vaso. O barro
que ele amassava era feito de
crâneos de sultões e mãos de
mendigos."*

Omar Khayan

*Aos meus pais, à minha
esposa, aos meus filhos,
ao meu sogro. Ao meu
amigo Domingos.*

CAPÍTULO I



Entre curiosos e assustados, os jovens, vestindo longos aventais brancos, muito limpos, preparavam-se para viver uma singular experiência, por tradição marcante. Foram introduzidos num vasto salão, onde mesas de mármore claro estavam regularmente dispostas. Elas possuíam sulcos que drenavam para um tubo que, por sua vez, mergulhava no chão também de pedra. Ao fundo, dois homens igualmente vestindo longos aventais, outrora alvos, aguardavam de pé, diante de enormes tinas retangulares, tampas suspensas. Mesmo sem combinação prévia, os jovens foram se alinhando numa estratégica posição, ao longo da parede mais próxima da porta, propícia a uma eventual saída apressada. Observavam os detalhes do ambiente. Havia ótima luminosidade, à custa de grandes janelas basculantes e fartas lâmpadas de neon.

– *Hic mors gaudet succurrere vitae* – leu um homem de meia idade, apontando uma inscrição na outra extremidade da sala.

– Aqui a morte se alegra de socorrer a vida – traduziu, com voz alta e solene. Fez uma longa pausa. Havia anos repetia o mesmo ritual, com a mesma atitude grave. Gostava de causar efeito e sabia como obtê-lo. No íntimo, divertia-se com o embaraço dos estudantes. Identificava em suas expressões faciais, moldadas pelas estruturas musculares que tão bem conhecia, medo, asco, curiosidade.

A um sinal do professor, os dois funcionários ergueram, de uma das caixas, um objeto escuro, alongado, e depositaram-no sobre uma das mesas, sem maiores cuidados. O som produzido pelo choque denotava que era rígido. Era o corpo nu de um homem ainda jovem! Outros corpos foram sendo retirados e igualmente distribuídos sobre as outras mesas, com a mesma eficiência rude, diante de uma platéia ainda perturbada pela primeira e desagradável aparição. O silêncio tornava ainda mais denso o cerimonial.

– Meu nome é Dr. Djalma e estou encarregado de ministrar a parte prática do Curso de Anatomia, juntamente com meus colegas aqui presentes – retomou ele. – Sem um bom aprendizado, aqui, ninguém poderá se dizer médico... Exijo de todos uma postura de respeito... Espero que todos saibam o que é, caso contrário também isto terão de aprender nesta sala... Cada grupo de quatro alunos ficará responsável por seu cadáver. Vocês vão estudar e aprender Anatomia, trabalhando junto a ele, nos próximos me-

ses. Vão precisar de cuidar muito bem dele, para que lhes possa servir. É uma preciosidade que lhes chega às mãos... Vocês não imaginam como foi difícil obtê-los. Jamais se esqueçam de que se trata do corpo de um ser humano, não apenas de um monte de carne e ossos.

Todos ouviam atentos, mas os olhos alternavam sua inquietude do orador para os objetos de que breve teriam de se aproximar. A morte existia e estava ali representada, sem subterfúgios, através daquelas estátuas sem brilho. Os corações dos estudantes batiam forte, como a querer afirmar sua vida.

Satisfeito, ele prosseguiu:

– O Curso é muito apertado, porque nada aqui é supérfluo. Vocês terão de aprender tudo e isto vai exigir muito empenho, não se iludam... Bem, inicialmente, vocês vão manter seu primeiro contato com o cadáver que lhes for determinado. Observem-no bem, sem pressa. Identifiquem suas particularidades, as feições do rosto. Toquem-no, mudem-no de posição. Não se intimidem... Ao final, cada grupo poderá reconhecer perfeitamente o seu modelo, para a relação muito íntima que vão estabelecer daqui por diante.

O primeiro enrijecido corpo, o que causara o impacto inicial, coube a uma equipe de três rapazes e uma moça. Já portando suas luvas de borracha, calçadas com o inevitável embaraço de iniciantes, eles se aproximaram de sua peça de

estudo. A solução de formol, usada para impedir o apodrecimento dos tecidos, emanava cada vez mais, instigando-os a abandonar a sala, em busca de alívio da ardência que afligia seus olhos e o nariz. Enxugavam-nos com a manga do avental, afortunadamente longa.

Gustavo, decidido, tocou com firmeza o tórax, que resistiu como se fosse maciço. Ele alisou com desagrado aquela pele mumificada, enquanto Domingos começou pelos pés, resistentes a qualquer flexão. Suzana iniciou o contato pela cabeça, procurando se afastar da incômoda visão da genitália nua daquele homem. Quase não havia pêlos no corpo. Tinham sido raspados previamente. No rosto, ressaltavam os lábios carnudos. O nariz era alargado. Em volta dos olhos cerrados, os cílios e supercílios eram quase inexistentes. Havia uma grande assimetria no rosto, dificultando imaginar que expressão estava ali gravada. Ele se amassara ao contato anárquico com os outros corpos, dentro da banheira.

– Ele era bem forte.

– Deve ter sido algum operário braçal.

– Ele está cheio de cicatrizes, deve ter se machucado muito – impressionou-se Suzana.

– O que mais tento imaginar é quem foi este homem, como morreu, como veio parar aqui, quando o normal é a família enterrar o sujeito – pensou alto Domingos, enquanto franzia o nariz para um lado e outro, tentando aplacar a coceira provocada pela coriza.

Os alunos foram trocando de lugar, no trabalho de observar e conhecer aquele corpo. Viraram-no de costas para cima, o que aliviou a moça, embaraçada diante daquela masculina nudez, passivamente exposta ao seu exame, diante dos rapazes. Ela não imaginava que também eles tinham especial interesse pela região. Observavam-na com disfarçada curiosidade, inseguros de um padrão de normalidade, confusos entre significado funcional e símbolo viril.

– Acho que ele deixou saudades – provocou Domingos, olhando para a moça, que não conseguiu esconder um sorriso.

– Que nome vamos dar a ele? – perguntou ela.

A idéia suscitou grande entusiasmo no grupo, que respondeu com as mais variadas sugestões, até que alguém propôs: – Que tal M-8? Vocês não repararam na plaquinha com esta numeração, presa no dedão de seu pé?

O nome foi adotado após intensa discussão. “Prenúncio da disputa pela liderança” – diagnosticou o professor para si mesmo, atento. Observar o comportamento das equipes era um de seus maiores interesses no trabalho com estudantes. Distinguiu aquele que provavelmente assumiria o poder, afinal: Gustavo. Parecia-lhe ser acostumado a mandar, a fazer valer seus pontos de vista. Na verdade, identificava-se com ele.

Ele estava satisfeito com o grupo que orientaria mais de perto, feita a distribuição com os

demais preceptores. Não precisou de cobrar respeito e seriedade em momento algum, nem de exortá-los a um contato mais estreito com o cadáver. Habitualmente, havia natural resistência inicial à tarefa.

– Você trabalhou pouco – avaliou o professor, ao final, dirigindo-se a Maurício. Despertada a atenção para o fato, que tinha fundamento, seus colegas perceberam o constrangimento do rapaz, como que intimidado diante do corpo inerte. Nenhum deles se sentiu à vontade para inquiri-lo, recém-reunidos ao acaso na Faculdade, após a aprovação no concurso de seleção.

Terminada a aula, Maurício hesitou à porta, com o estranho sentimento de que não podia abandonar ali aquela figura de aspecto humano, ainda que esvaziada de vida. Mas, vendo os demais cadáveres no salão, sentiu-se aliviado e partiu.

Minutos depois, os dois funcionários, nenhum outro ser vivente por perto, atiraram brutalmente os corpos dentro dos imensos tanques, uns sobre os outros. Não os animava qualquer outro propósito, senão o de terminarem rapidamente sua rotina, guardando aquelas criaturas sem história para as próximas aulas.

M-8 jazia na tina contendo formol, misturado aos seus companheiros, sem dor e sem desconforto. Enquanto ligada a uma matéria viva, sua alma perdera a crença nas pessoas e agora, ainda que ninguém pudesse lhe causar qualquer

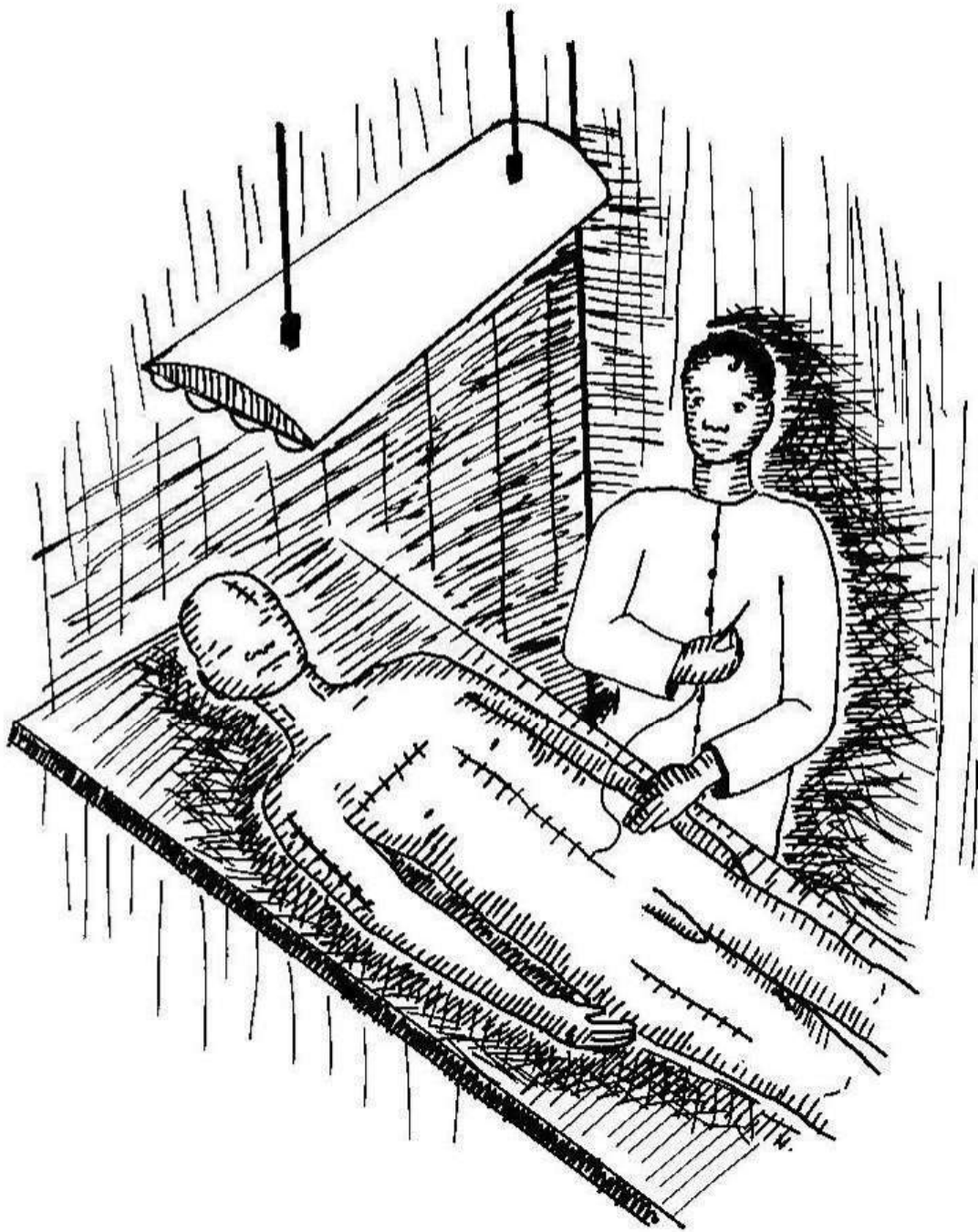
dano, optara por permanecer junto ao objeto de quem fora legítimo dono. Propriedade que não submetera a ninguém, mesmo sob freqüentes situações de coerção, ainda que semelhante decisão tivesse culminado com muitos padecimentos, até a morte. Contudo, momentos atrás, ela passara por grave perturbação de sua consciência. Não a assustara ter permanecido na vala comum dos insepultos, nem lhe doera ter seu corpo dali arrebatado com rudeza e exposto aos olhos de todos. Maltratos foram uma constante em sua existência e, assim, habituara-se a eles, embora inconformado. Perturbara àquela alma a exortação feita por aquele homem mais velho, rosto severo, aos jovens vestidos de branco. Exortação a que o tratassem com dignidade. Não se lembrava de quando se sentira respeitado pela última vez, tão longínquo remontava o evento. E, no entanto, transformado num objeto somente pela forma lembrando um ser humano, repelente ao comum das pessoas, sem outra serventia senão prestar-se a estudo, era agora alvo de cuidado. Misteriosamente, a morte ensejara-lhe uma reverência que lhe teria dado maior motivação para viver, se a tempo ocorresse. Mãos tocaram-no com cuidado, no justo momento em que ficara mais indefeso diante daquela gente, e olhares de piedade o consolaram, vencidos o medo e a repulsa iniciais. Sob a lápide provisória, em meio ao vapor e à intimidade com os companheiros de infortúnio, aquela densa angústia se aplacara

momentaneamente, mitigada pela experiência inusitada.

À saída da sala, um funcionário entregou a cada aluno uma folha impressa, “para ser lida depois, com calma”.

Eles despediam-se, afoitos para retornar às suas casas, com tantas coisas novas para compartilhar, aquecidos de vida.

CAPÍTULO II



Dentro do ônibus, Maurício tentava organizar seus sentimentos, perturbado ainda pelas vivências na Faculdade. Imaginara ter dificuldades na primeira atividade prática. Fora alertado pelos veteranos. Na verdade, outra coisa lhe ocorrera. O que o chocou e embaraçou foi constatar o que ele e o cadáver que lhe coubera – o M-8 – tinham em comum: a pele escura. A rigor, quase todos os corpos ali inertes eram da sua mesma cor. Fora ingênuo por se surpreender – reconhecia. Uma mínima parte da população negra conseguia concorrer às vagas na Universidade – ele mesmo era o único de sua turma de primeiro ano – mas constituía o maior contingente de material para as mesas de dissecação, composto de indigentes. Haveria uma imagem mais representativa da cruel marginalização a que estavam submetidos, mesmo passados cem anos do fim da escravatura? – desafiava o rapaz.

Naquele local de estudos, diferenças de pigmentação da pele não concediam aos mortos

qualquer tipo de privilégio. E, embora a ciência confirmasse ali o acerto da reunião de todos os homens numa mesma e única raça, constatada a mesma essência, os direitos persistiam absurdamente diversos na existência das pessoas, fora daquelas paredes.

Ao mesmo tempo que se apiedara do morto, o estudante sentira, a contragosto, uma resistência a se identificar com ele. Não conseguira entender seu desconforto, censurara-se pela sua ocorrência. Mas agora, enquanto voltava para sua casa, tudo ia ficando compreensível. Temera que os colegas, até então naturalmente respeitosos com ele, constatassem a semelhança e, assim, fossem despertados para sua negritude, desculpa para tantas discriminações, maltratos e injustiças. Sabia como eram corriqueiras as “piadas de preto”, um exercício de criatividade ofensivo. À custa de comparações grosseiras e constrangimento alheio, pretextava-se fazer humor. As eventuais gargalhadas camuflavam o conteúdo perverso. Diante de semelhantes agressões, dissimuladas como brincadeiras, Maurício não conseguira encontrar uma postura satisfatória. Experimentou aparentar indiferença ou um generoso senso de humor. Sentiu-se falso. Ao protestar, ensejara que se particularizasse contra ele a discriminação. Quando a fala depreciativa vinha de alguém significativo, era ainda maior seu embaraço.

Agradava-lhe pensar que muitos dos agressores achavam-se tão empobrecidos em sua

auto-avaliação, que importava a eles contabilizar sua cor clara como um atributo de valor. Mas esta íntima desforra não conseguia afastar, agora, seu sentimento de covardia e de fraqueza.

Temia pelo iminente reencontro com sua família. Sua aprovação para a Medicina, intensamente festejada, era um triunfo que pertencia a todos. Chegou desvitalizado à sua modesta casa, num bairro da periferia da cidade. Como relatar, com honestidade, os sentimentos que tanto o envergonhavam? Melhor seria ocultá-los – decidiu – e poupar seus pais da decepção e tristeza. Desceu do ônibus, cumprimentou todos cabisbaixo e, alegando uma forte dor de cabeça, recolheu-se ao quarto que compartilhava com dois irmãos mais jovens. Seu sofrimento moral passou desapercebido, confundido com uma de suas crises de enxaqueca. As grandes novidades ficariam para o dia seguinte, conformavam-se seus familiares.

Maurício sonhou com o M-8, olhos abertos a encará-lo. Despertou subitamente, ao reconhecer nele as feições amadas de seu pai. Chorou em silêncio, em meio a um sofrimento que jamais experimentara.



Suzana, numa enorme felicidade, orgulhosa de si, relatava os acontecimentos daquela tarde.

– Não tive qualquer medo, mãe, só um certo nojo de tocar o cadáver, mas ele era resse-

cado, menos mal. O professor mandou que o observássemos detalhadamente. Eu me senti uma verdadeira detetive. Fui deduzindo várias coisas. Por exemplo, que deveria ter sido um operário comum, pobre, envolvido em várias brigas ou, então, que tivesse se acidentado no trabalho. O corpo tinha uma porção de cicatrizes. Parecia ser feito de cera, era duro e frio.

– Ele estava pelado? – perguntou a mãe, já se ruborizando só de imaginar a cena: um homem deitado numa mesa, seu sexo exposto, outros em volta, assistindo a tudo, certamente de olho na sua filha. Ela mesma jamais estivera próxima de um homem adulto desnudo, salvo o marido, ainda assim com muito recato.

– Claro, né, mãe! Mas eu agi como se tudo fosse muito natural, disfarcei meu embaraço. Claro que estava bem curiosa. Meus colegas nem notaram. E olhe que eles são muito espertos.

Sua mãe a admirava muito: tinha a cabeça no lugar, era segura, corajosa.

– Ele tinha a cara triste, filha?

A moça não respondeu, surpresa pela pergunta. Na verdade, lembrava-se daquele rosto sem vida, mas não se recordava de nada mais. Em momento algum semelhante interesse lhe ocorrera. Mais uma vez sentiu-se diferente de sua mãe. Embora grata pela sua dedicação, ela a subestimava – uma mulher mansa, discreta, sempre envolvida com movimentos beneficentes de que participava em posições subalternas, apagadas.

— Já paguei a mensalidade da escola, filha
— anunciou seu pai. A voz firme vinha de trás do jornal. Era um homem prático, empenhado no trabalho. A elevada qualidade de vida que lhe proporcionava era testemunho de sua devoção à família. Chefiava uma banca de advocacia que lhe rendera prestígio junto às classes política e empresarial, clientes a quem defendia em causas habitualmente rumorosas pela gravidade das acusações. De ordinário, logravam no mínimo a impunidade, graças a ele.



A visão daquela pessoa sem vida não saía da cabeça de Domingos. Bem que se preparara para a aula, tomara informações, como era de seu precavido feitio. No entanto, perturbara-se muito. Seguiu as instruções do professor, mas sem qualquer entusiasmo. Seus sentimentos se misturavam. Sentia pena daquele homem que acabara numa mesa de dissecação, transformado num simples objeto, tão indefeso diante daqueles olhares que o vasculhavam despuđoradamente.

Breve, eticamente autorizados, afiados bisturis iriam cortá-lo de todas as maneiras, procurando conhecer a intimidade, as minúcias daquele corpo. Certamente os vivos se beneficiariam daquele ritual, estava bem claro e justo para o rapaz. Mas persistia sua inquietude:

– Por que este indivíduo veio parar na sala de Anatomia? Quem teria sido o M-8, como transcorreria sua vida?

O estudante optara, ao longo do aprendizado que seus 20 anos lhe proporcionaram, a privilegiar a razão sobre os sentimentos. Era prático, disciplinado, e esta conduta deixava-o satisfeito consigo mesmo. Contudo, as vivências daquela tarde invadiram sua mente por canais rebeldes, abrindo-lhe um universo de emoções negadas até então.

À noite, na habitual reunião de sua casa, falou de seu desconforto. Seu pai exortou-o a não se prender ao assunto e, assim, “evitar desgaste injustificado”.

– Coitado – foi o comentário lacônico de sua mãe. Seu marido nem se importou em imaginar a quem ela deplorava. Domingos não teve dúvidas de que sua mãe, amorosa, pensava naquele anônimo filho perdido. Na verdade, ela tinha em mente o seu próprio filho: enxergava o seu sofrimento, agora que ele se humanizava.

Mais tarde, já deitado na cama confortável, o moço rememorava os eventos do dia, como era de seu costume.

Lembrou-se do impresso recebido à saída da aula. Era uma “Oração ao Cadáver”:

“Ao curvares, com a lâmina crua de seu bisturi, sobre o cadáver desconhecido, lembre-se que este corpo nasceu do amor de duas almas, cresceu embalado pela fé e pela esperança

daquela que em seu seio o agasalhou. Sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens. Por certo amou e foi amado. Esperou e acalentou um amanhã feliz e sentiu saudades dos outros que partiram.

Agora, jaz na fria lousa, sem que por ele tivessem derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece. Seu nome, só Deus o sabe, mas o destino inexorável deu-lhe o poder e a grandeza de servir à humanidade. A humanidade que por ele passou indiferente.”

Domingos enxugou as lágrimas com a manga longa de seu pijama, assim como fizera na sala de Anatomia, molestado pelos vapores químicos. As lágrimas, agora, brotavam da compaixão, irrompidas do próprio coração que ele tentava subjugar.

Aliviado por poder identificar o pecado da indiferença, que era iminente, ele adormeceu em paz. Não o cometeria – decidiu.



Gustavo detestara a aula. Estava ansioso por testar seus afiados instrumentos de dissecação, mas a orientação romântica do professor frustrara seus propósitos. Já decidira ser cirurgião e estava ávido pela sua iniciação, que passava pelo interior daquela exangue matéria. Não entendera como seus colegas de grupo puderam se entreter no “relacionamento inicial com o ca-

dáver”. Aliás, a idéia de dividi-lo com eles já lhe desagradava. Contudo, não o ameaçava. Estava acostumado a defender seus interesses. Na verdade, nunca se deixara ficar em desvantagem. Cumpriu sua tarefa de modo a não sofrer prejuízo na avaliação do mestre e alegrou-se quando ele deu por encerrada a primeira aula. Certamente na segunda, no dia seguinte, ele seria autorizado a usar seu bisturi, para seccionar aquele couro escuro. Saiu da sala antes de qualquer outro colega e rumou para seu carro, estacionado sob uma árvore, no pátio da escola. Seguiu direto para casa, dirigindo rápida e desembaraçadamente, apesar do tráfego intenso.

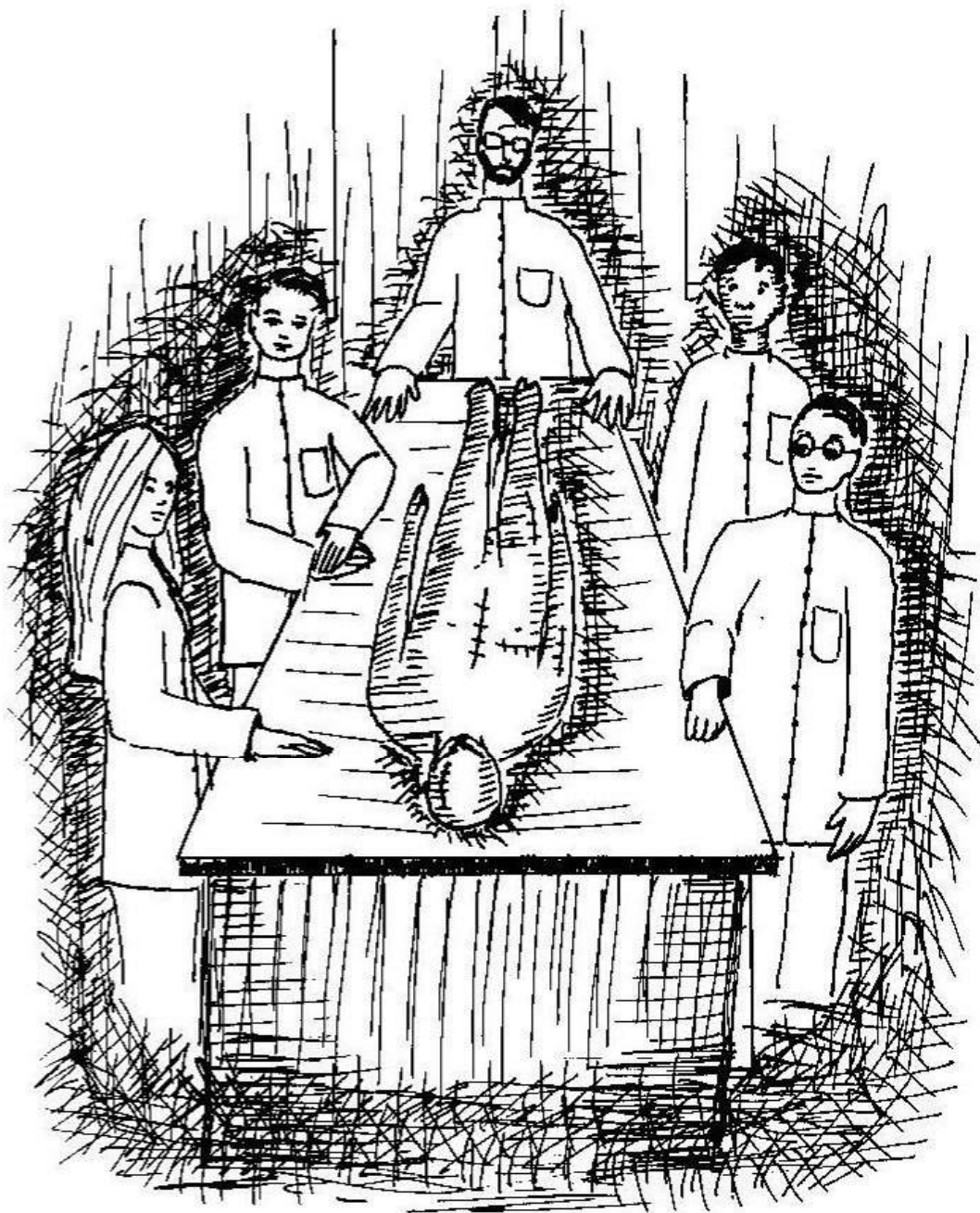
– Como foi seu dia, filho? – perguntou uma mulher muito bem cuidada, sem levantar os olhos do tapete que tecia.

– Sem graça nenhuma.

Seu pai continuou se informando pelo noticiário da TV.

Nenhum esclarecimento foi solicitado ou oferecido. Desnecessário. A relação já se esgotara, cumpridos os devidos papéis. Na verdade, quase uma repetição da que se estabelecera na sala de Anatomia.

CAPÍTULO III



No dia seguinte, já encontraram o M-8 sobre a mesa. Fora uma saudável iniciativa, pois o formol já se evaporara bastante. Gustavo, ansioso, abriu seu estojo de instrumentos. Já o adquirira antes mesmo de começarem as aulas. Domingos achou o corpo mais magro que na véspera, parecia-lhe ainda mais desprotegido. Procurava afastar os pensamentos que ainda o perturbavam. Esperava que o mestre chegasse e determinasse a atividade que o absorveria. Suzana estava muito bem humorada, era um prazer para todos sentir o perfume que usava. Maurício parecia muito sério.

Pouco depois chegou Dr. Djalma, acompanhado de seus colegas, para ministrar sua aula. Após um rápido cumprimento, percorreu as várias mesas, dando instruções para que comessem a dissecar pela região dorsal do tronco. Os cadáveres já estavam na posição correta, em “decúbito ventral”.

– Você, que já está de bisturi na mão, pode começar – ordenou a Gustavo. – Faça uma inci-

são neste sentido – mostrou – com o cuidado de não aprofundar muito.

O jovem surpreendeu-se com a resistência do tecido, mas nada comentou. Foi, a seguir, orientado para usar a pinça e começar a soltar a pele. Uma superfície amarelada começou a apontar sob o couro marrom. Os rostos se franziram, numa expressão de nojo. Só Gustavo não expressou qualquer sentimento, inteiramente absorto na sua tarefa. Depois, a contragosto, cedeu seu posto a um colega, que foi ampliando o trabalho.

A atividade visava a expor a musculatura da região, o que exigia um mínimo de prática. O professor tomou do bisturi e, enquanto explicava o que fazia, foi expondo os tecidos mais internos, com enorme habilidade.

Ao contrário dos outros colegas, não fazia uma prévia demonstração técnica. Preferia deixar os aprendizes provar da dificuldade, para, então, exhibir sua destreza.

Os músculos iam se evidenciando, cada feixe individualizado. Contudo, para decepção, só de longe lembravam as figuras do compêndio de Anatomia. Nele, eram avermelhados, robustos, ao passo que nos cadáveres eram escuros, atrofiados em razão de sua ressequidão ou magreza.

Um a um, os jovens foram tendo os seus turnos de trabalho. O espírito de M-8 assistia a tudo, vendo o objeto que tivera o seu nome ser seccionado, assegurado que estava de sua morte

e de sua inutilidade. Se pudesse, impediria Gustavo de usá-lo para aprender. Percebia, no jovem estudante, indiferença e frieza. Sentia especial simpatia por Maurício. Livre das perturbações de sua materialidade, o espírito de M-8 desfrutava de uma sutil consciência, com a qual podia perscrutar a mente de cada um de seus exploradores. A Maurício gostaria de dizer:

– Não se acanhe, menino. A você me entrego sem restrições. Ninguém me merece mais do que você, que conhece os infortúnios que me foram legados, pelo simples fato de nascer desterrado do continente de meus antepassados.

Mas o estudante negro não tinha acesso à muda doação. Ao contrário, seu movimento interior era de afastamento. Não queria se identificar com aquela figura. Adivinhava uma angústia ainda ali presente. Não a desejava sentir. Ao executar sua prática, era constrangido que o fazia, como se houvesse alguma familiaridade naquelas carnes. Buscando conforto moral, ao final da aula, ofereceu-se para costurar a pele seccionada, enfadonha tarefa necessária para preservar um mínimo de umidade aos tecidos. Ali, naquela solitária função, perfurando com dificuldade a pele resistente, inicialmente preocupado apenas em fazê-lo corretamente, Maurício foi entrando em terna comunhão com o cadáver. Absorto no trabalho, num exercício de cuidado com aquela vítima social, o jovem foi se reconciliando consigo

mesmo, à medida que entrevia uma possibilidade de solução para seu conflito. Ao invés de se deter nos esforços para não se tornar também uma vítima, vislumbrou-se como um ser dotado de oportunidades. Poderia abandonar a atitude de confronto que o desgastava, para, ao invés, construir um caminho perene de realizações de seus ideais de justiça. Seria um “agente de transformação das relações humanas”! O papel de médico facultava-lhe cuidar bem e igualmente de todas as pessoas, se elege-se aquele o seu propósito.

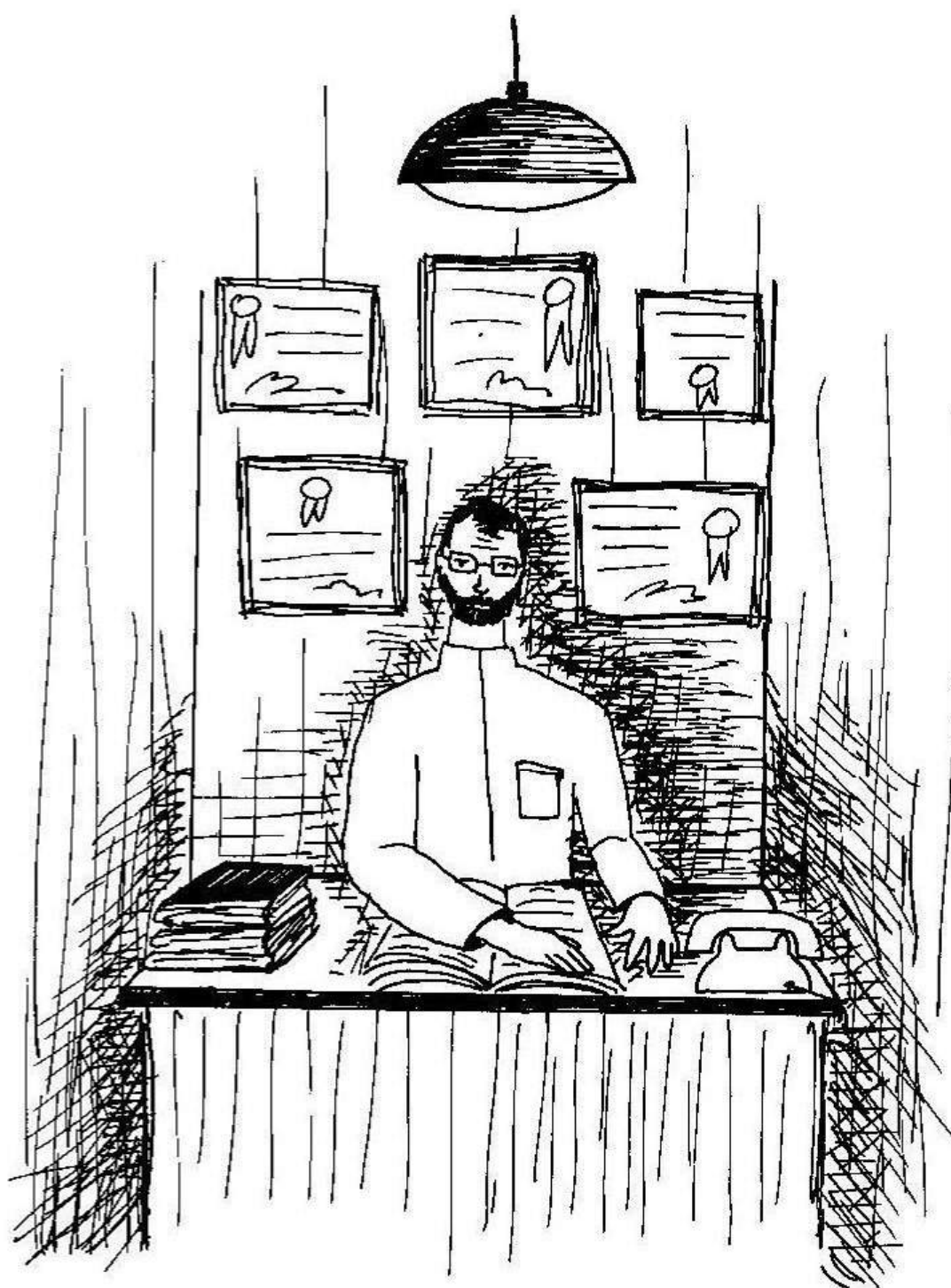
Reforçado em seus valores, o aprendiz terminou a sutura, satisfeito com o resultado. Vencidos o sentimento de deslealdade que o torturava e o medo do abismo social que ameaçava engoli-lo, ele se sentiu finalmente leve, feliz.

Passado o enlevo, viu-se sozinho. Apenas os corpos quedavam imóveis sobre as mesas. Os colegas já tinham encerrado idênticas tarefas. De súbito, levantou-se e correu até a biblioteca, onde localizou o amigo Domingos. Trouxe-o de volta à sala de aula, para ajudá-lo. Depositaram o M-8 cuidadosamente no interior daquela provisória cova coletiva.

Comovido, M-8 sentiu-se novamente criança, levado ao leito por mãos amorosas, alheio aos corpos que foram depois despejados sobre ele. Que importava ter seu físico dilacerado, se era na alma que recebia o afago irmão, há tanto esquecido?

Aníbal e Joaquim, os velhos funcionários que retornaram para encerrar sua rotina do dia, presenciaram aquela cena inesperada. Os dois homens também tinham a pele parda. Aníbal, mais claro que o companheiro, rotulava-o como negro e, a si, como moreno. Seguro de tal distinção, poupava-se das freqüentes observações desrespeitosas que ouvia, evidência do preconceito que a sociedade hipocritamente não admitia. Joaquim não tinha como negar sua cor negra e nem aspirava a isto. Nascera e se habituara naquela estrutura perversa. Assim, conduzia sua vida sem questionamentos, além do mais, reforçado por uma Igreja ainda acomodada. Tinha carinho por Maurício. Gostaria que seu filho, da mesma idade dele, pudesse chegar a idêntica posição universitária, mas preponderara a ordem natural das coisas. Ele se tornara um operário braçal, a mesma profissão do homem que recebera a marca de M-8.

CAPÍTULO IV



Em sua sala particular, o professor Djalma divagava, enquanto percorria as paredes com olhos inquiridores. Nelas, afixara seus títulos, devidamente emoldurados. O maior, em papel apergaminhado, era seu diploma da Faculdade, datado de 16 anos antes. Por trás do vidro que protegia o quadro, pendia uma medalha dourada – a de melhor aluno de sua turma. Em torno do diploma, diversos certificados de participação em cursos e congressos. Antes mesmo de ingressar na Faculdade, já se decidira pela especialidade. Fascinava-o a figura do cirurgião, com seu poder de, em questão de horas, mudar o rumo de uma doença. Marcante fora esperar pelo desfecho da operação de um de seus tios. Após longo tempo de angústia, de súbito surgiu o médico, ar nobre e grave na face cansada. Toda a família levantou-se, num salto, perscrutando aquele rosto que se aproximava. Ele se abriu num sorriso e comunicou o feliz resultado da intervenção. Lágrimas, palavras de gratidão e admiração... A paz retornara...

Dr. Djalma sempre fora o melhor em toda sua trajetória de estudante. Desde os primeiros meses de Faculdade, comparecia a todas as atividades ligadas à Técnica Operatória, era determinado e priorizava seu aprendizado sobre qualquer outro interesse. Abriu mão do companheirismo dos colegas, do lazer, dos namoros sérios, pagava o preço da solidão, sem regatear. Cedo conseguiu ligar-se a um grupo médico e logo se fez notado pelo empenho, pontualidade, habilidade. Terminado o curso normal, fez uma pós-graduação brilhante e aceitou o convite para trabalhar num bem equipado hospital de uma cidade próxima. Destacou-se imediatamente, obtendo notoriedade em toda a região. Finalmente, ao cabo de poucos anos, retornou para sua primitiva equipe, formada por profissionais de elevado nível. Contudo, sua atitude, cada vez mais competitiva, prejudicou um relacionamento mais estreito, mais amigo com seus colegas. Não amadurecera para a cooperação. O que lhe importava era ser reconhecido como o mais brilhante. Envolvido neste obsessivo empenho, subestimava riscos, negligenciava a possibilidade de falhar. Até que um incidente mudou a sua vida.



Num certo dia, tivera uma jornada muito intensa de trabalho, no hospital de emergências onde dava um plantão semanal de 24 horas. Ocor-

reu a necessidade de vários procedimentos cirúrgicos e ele, como era de seu feitio, tomou a frente de tantos quanto pôde, em detrimento de outros médicos. Alguns, intimamente satisfeitos pela folga, formulavam débeis protestos. Outros não sabiam como se opor à atitude autoritária e à indiscutível eficiência do colega.

Ao final do expediente, dirigiu-se para sua casa de solteiro, para repousar. Isto não foi possível. Recebeu um telefonema de um clínico, convocando-o para opinar sobre a doença de um importante político. Naquele ambiente de enorme responsabilidade, oscilava-se entre uma atitude mais conservadora, de acompanhamento atento, ou intervir logo, operando. Estavam ali reunidas respeitadas autoridades médicas. A tendência era de se entregar a condução do tratamento aos clínicos, para uma eventual convocação de uma equipe cirúrgica. Exausto, Dr. Djalma fez um exame superficial do quadro, mas, ainda assim, discordou da conduta, interpretando a evolução da doença de um modo muito mais dramático. Sua ênfase resolveu a ambivalente posição do grupo, dividida entre uma atitude ponderada, atenta à espera de novos dados para decidir, e o temor de uma intervenção imediata, potencialmente desastrosa, configurando um erro de avaliação, compreensível ao meio científico mas não ao público em geral. E o interesse pela recuperação do enfermo não se restringia aos amigos e familiares. Como esperança de muitos,

ele fôra eleito por voto popular para delicada missão. Um malogro dificilmente contaria com ampla compreensão. Assim, ficar à frente daquele caso representava grande risco pessoal.

Embora não consensual, a orientação de intervir cirurgicamente saiu vencedora e a escolha do operador foi rápida e natural. Dr. Djalma assumiu imediatamente o comando, programando a cirurgia para dentro de uma hora. Aberto o abdome do paciente, não se encontrou o que retirar ou modificar. As manifestações da doença eram decorrentes de distúrbios de funcionamento do organismo, melhor teria sido tratar de modo menos agressivo. Por infelicidade, o debilitado paciente apresentou um agravamento de sua doença e acabou falecendo, no dia seguinte.

O mundo desabou sobre o médico. Ele caiu em desgraça. A imprensa, como sempre, soube explorar a excelente qualidade do material surgido. A pretexto de busca da verdade, ofereceu amplo espaço às críticas de outros médicos, quase sempre fundamentadas, mas várias exaltadas por ressentimentos e inimizades que o cirurgião acumulara ao longo de seu caminho individualista. De posse dos dados da autópsia, era muito cômodo e seguro fazer críticas à conduta adotada no caso, criando uma idéia de que não fora tão penosa e conflitante a decisão. Interesses políticos escusos aproveitaram-se da situação, utilizando-se de insinuações malévolas, de modo que o nome do Dr. Djalma freqüentou demorada-

mente o noticiário. Sem amigos, atravessou aquele sombrio período carente de gestos solidários. O inevitável afastamento de seus clientes e o ambiente de constrangimento de seus plantões tornaram insustentável o exercício de seu trabalho. Decidiu licenciar-se por tempo indeterminado.

Na solidão, defendeu-se, tanto quanto pôde, negando que, na verdade, turvara-se seu juízo crítico, obcecado que estava pela oportunidade de brilhar acima de todos. A mesma atitude egocêntrica que, em outras ocasiões, lhe facultara grandes triunfos em casos polêmicos, desta feita arruinara-o. A sorte – ou outra misteriosa contingência – que o protegera e aos clientes desta feita não se fez presente.

Sua necessidade de importância resultava de uma insegurança quanto a seus méritos pessoais, produto de uma educação fria e formal. Cedo percebeu o poder das boas notas escolares, pelo destaque que proporcionavam. Abandonou outras formas de relacionamento com as pessoas e, assim, restringiu suas possibilidades de expressar seu valor a um único setor de sua vida.

Dr. Djalma não possuía, portanto, uma estrutura forte o suficiente para mergulhar fundo em sua mente, reconhecer suas responsabilidades pelo acontecido e, afinal, amadurecer. Tal revisão interior cobrava a raríssima virtude da humildade.

Um sentimento de injustiça e incompreensão triunfou, favorecendo-o afinal e inevitavelmente – “Meus colegas estavam totalmente perdidos na condução do tratamento, o paciente caminhava para a morte. Eu, pelo menos, tive a coragem de oferecer-lhe uma possibilidade de sobrevivência”.

Reconciliado consigo mesmo, submeteu-se a um concurso para professor de Anatomia e, aprovado em primeiro lugar dentre vários candidatos, recompôs a singela auto-estima. O mesmo homem, numa função diferente.



À medida que as aulas se sucediam, malgrado estarem todos no mesmo estágio de dissecação sobre as frias mesas, um olhar mais atento distinguiria M-8 de seus companheiros. Suas costuras eram feitas com maior capricho. As bordas das incisões eram justapostas com mais exatidão, preservando a umidade residual dos tecidos e órgãos. Em suma, era o mais bem cuidado dos cadáveres.

Quando era tempo de retornar à banheira coletiva, ele era guardado em último lugar. Testemunhas da particular relação ali estabelecida, os dois funcionários acostumaram-se a depositar M-8 gentilmente sobre os corpos mutilados de seus companheiros.

A *causa mortis*, apontada na certidão de óbito, foi facilmente diagnosticada, tão logo fora

aberto o abdome de M-8. Ele sofrera uma rotura do baço, causando uma hemorragia fatal. O sangue ali contido, transformado numa massa escura, foi removido, para propiciar uma adequada visualização dos demais órgãos.

Já então habituados com o regular contato com o cadáver, as tarefas não lhes causavam maior desconforto. Os jovens amoldavam-se pouco a pouco ao duro exercício que os aguardava.

Com o tempo, estreitava-se a amizade de Maurício e Domingos, à medida que descobriam interesses e convicções semelhantes.

Quanto a Suzana, admirava a postura independente de Gustavo. Além do mais, era um rapaz atraente, rosto sempre bem barbeado, o cabelo curto sempre obediente, quando a moda entre os universitários era uma aparência negligente. Ao contrário dos colegas, nunca revelava dificuldades, não se derramava em elogios ao conhecimento dos professores. Tinha o mesmo olhar firme frente a qualquer pessoa ou situação, passava uma idéia de segurança. Sem dúvida, um predestinado ao sucesso e à fama. “Já nascera médico” – invejava ela.

Contudo, sua convivência com Domingos e Maurício era divertida, leve. Sentia-se aceita sem exigências, sabia que eles gostavam dela. Sempre que possível, reunia-se a eles, mais que a quaisquer outros grupos que se formaram em outras disciplinas da Faculdade. Queria ser como Gustavo, mas sempre “acabava na companhia

daqueles dois” – contava à mãe. De seu pai já conhecia a opinião: “una-se aos vencedores e será um deles”.

Era difícil para o mestre conter sua irritação com Gustavo. Incomodavam-no sua indisciplina, seu individualismo – não que se omitisse dos trabalhos, pelo contrário – sua recusa de compartilhar espaços com colegas, seu avançar além das orientações dos planos de aula, numa avidez de acumular conhecimento a qualquer custo. Se o Dr. Djalma dava uma instrução, era freqüente constatar que o aluno avançara muito mais. Ele sentia que a relação do rapaz com ele era puramente de uso e competição, carecendo de um respeito à sua posição e seu saber. Diferente dos demais, que admiravam a habilidade e o conhecimento do orientador, o que o gratificava bastante, o jovem estudante parecia não reconhecer nada. Valorizava só o que não dominava ainda, como se o corpo de M-8 fosse um obstáculo que precisasse superar com urgência. As censuras não pareciam ser ouvidas, pois ele não modificava o seu comportamento.

Um incidente levou o descontentamento ao seu ponto máximo. Fora planejado o estudo da mandíbula. Cumpria cortar sutilmente o osso, para expor a delicada rede de nervos e vasos alojada no seu interior. Para tanto, utilizava-se uma serra especial. Como o professor teve de deixar temporariamente a sala de aula e demorava a retornar, o afoito estudante tomou do aparelho e, sem

autorização ou instrução prévia, passou a abrir o osso. Também não atendeu as ponderações dos colegas. De repente, a mandíbula espatifou-se.

Ao voltar, Dr. Djalma, indignado, despejou sobre o estudante toda a irritação contida até então:

– Você não tem noção de respeito, de espaço! Só enxerga você e seu interesse pessoal! Se pudesse aprender sozinho, nem viria às aulas, compraria um cadáver só para você e iria aprender nos livros, longe daqui. Até acho que você é capaz disso, mas vai precisar de um diploma para poder exercer sua profissão. Então você depende desta escola, querendo ou não, e vai ter de obedecer ou eu entrego seu caso para o Diretor...

As palavras foram inicialmente pronunciadas em alto som, mas a voz foi minguando de intensidade e, para surpresa geral, as últimas frases foram ditas pouco acima de um sussurro. O professor empalidecera. Seu rosto, de irado, finalmente mostrou uma expressão de desalento. Temeu-se que estivesse apresentando um ataque de coração ou outra crise grave.

Mas a verdade era bem outra e estava acima da capacidade de compreensão de todos, mesmo de seus colegas de magistério.



Em seu gabinete, Dr. Djalma refletia sobre o incidente daquela tarde. Após censurar seu alu-

no, ele abandonara a sala, sem dizer nova palavra, sem sequer comunicar que a aula estava terminada. Estava ainda abatido, deprimido. Em meio à dura reprimenda que fizera, ele subitamente se lembrou de episódio semelhante, no qual ocupara situação inversa. Suas palavras tinham o mesmo sentido das que ouvira durante uma cirurgia, em que entrara como auxiliar de um velho médico. Na ocasião, sentiu-se injustiçado – lembrava-se bem – pois acreditava-se apto a ir além da tarefa que o mestre lhe autorizara, malgrado o risco que envolvia. Atribuiu a insatisfação de seu chefe a um mero exercício de poder. Recordava-se da expressão endurecida de seus olhos, sobressaindo da máscara verde, e de sua voz áspera, controlada a custo.

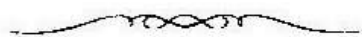
Entendia agora porque foi tomando uma antipatia tão marcada contra o aluno. Ele foi se vendo naquele comportamento personalista que gerava um mal-estar entre os companheiros e redundava num afastamento. A indiferença do rapaz à opinião do grupo a seu respeito, incluindo a do professor, evidenciava sua atitude desrespeitosa.

Olhos parados na sua medalha de ouro, que reluzia ao sol da tarde, Dr. Djalma ia revendo sua própria postura junto aos demais médicos, admitindo, pela primeira vez, que ele fora o agente do crescente isolamento, antes explicado por inveja e luta de poder por parte deles. Vinha presenciando uma relação de causa e efeito, desde o início das aulas, onde seu aluno reprisava o com-

portamento que ele mesmo adotara, durante anos. Era com sofrimento que fazia a reinterpretação daquele longo processo, onde deixava o papel de vítima para o de algoz de si mesmo.

Passou o resto da tarde em seu refúgio, rememorando toda a trajetória que culminou na intempestiva decisão de operar o velho político.

No imenso salão, os estudantes misturavam-se aos seus objetos de estudos, preparando-se para o exame final já próximo, ainda perturbados pela cena anterior. Gustavo só reconhecia sua falha técnica, não a disciplinar: – Pressionei a serra com demasiada força, mas tal descuido jamais se repetirá. Mas não fiz nada que justificasse aquele ataque de histeria do professor.



Os alunos encontraram um preceptor de face mais severa que de costume, nas aulas seguintes. Manteve a sua didática de sempre, mas recheada de advertências sobre cuidados nas incisões, no reconhecimento dos elementos anômicos mais nobres. Enfatizava a prudência, o raciocínio. Passou a acrescentar relatos sintéticos de experiências vividas em cirurgias de que participou, ressaltando dificuldades técnicas, decisões difíceis, eventualmente algum sobressalto e até resultados indesejáveis. Sua imagem de absoluta infalibilidade e auto-suficiência foi cedendo lugar a uma outra, mais humana, mais pró-

xima da que cada um tinha de si mesmo. Os estudantes tornaram-se naturalmente mais amistosos, mais espontâneos no relacionamento com seu mentor. Legitimados seus temores, podiam acreditar na possibilidade de serem competentes como ele, figura mais admirável que antes, uma vez constituída, então, da mesma natureza que eles.

Somente Gustavo tratou de reforçar sua reserva, ainda que mais atento aos limites autorizados. Ao contrário dos colegas, subestimou o professor, contente em vê-lo menor do que antes. Em breve iria superá-lo. A atitude humilde do Dr. Djalma só reforçava a auto-afirmação do estudante, ainda ressentido pela pública censura.

Já o mestre conseguira sair de uma posição de repulsa ao rapaz para uma de contrafeita compreensão, mas esbarrava na barreira que ele interpunha entre ambos. Acabou por desistir de prevenir o jovem das inevitáveis agruras do caminho, satisfeito pelo carinho e respeito dos demais. Tal ambiente levava-o a um maior gosto pela função de ensinar, alternativa adotada, sem convicção, após seu triste período de recolhimento. À medida que o tempo passava, ele ia se harmonizando consigo mesmo, até constatar que sua vida assumira uma maior leveza e um novo sentido.

Estranhamente, partindo de origens sociais tão diferentes, criando oportunidades tão diversas, dois homens acabaram por obter uma importância para seus semelhantes jamais previsível, face ao trágico de suas situações. Um

deles, reduzido pela morte a um mero objeto humanóide. O outro, após destituído dos únicos instrumentos que acreditara adequados à afirmação de seu valor enquanto pessoa. A misteriosa relação entre seres humanos propiciara apagar tal paradoxo.

Algum dia, o professor Djalma concluiria que sua busca de diferenciação sobre os demais – e não junto aos demais – é que o infelicitara por tanto tempo.

CAPÍTULO V



Num barzinho modesto, nas redondezas da escola, onde se misturavam a outros estudantes e a pessoas que deixavam o trabalho, os dois novos amigos falavam de seus assuntos pessoais, discutiam os eventos da Faculdade, enfim, compartilhavam todos seus sentimentos e vivências. Envolvidos na turbulência social de sua época, que influenciava fortemente seus sonhos de futuros médicos, reconheciam em M-8 a própria materialização dos abismos de possibilidades dos indivíduos.

Foi meditando a respeito, que a idéia ocorreu a Domingos: desvendar a história daquele cadáver. A sugestão entusiasmou Maurício. Ele logo começou a imaginar os passos adequados para recompor o caminho daquele ser colocado numa situação tão singular, a ponto de autorizá-los a conviver com um homem morto, insepulto havia tempos, e ainda a usar o seu corpo, como se a eles pertencesse. Tamanha distância explicava a atitude de alguns estudantes, incapazes

de identificar naquele objeto a expressão de alguém como eles, exceto pela vida já extinta. Mais assustador ainda – admiravam-se os dois companheiros – era existir tal relação de diferenciação também entre indivíduos ainda vivos. Mas já entendiam que o modelo de organização social vigente estimulava o individualismo e conduzia àquela aberração.

O primeiro movimento seria esclarecer a forma como eram obtidos aqueles cadáveres. Num intervalo de suas atividades, procuraram o Dr. Djalma, em sua sala. Diante das muitas comendas obtidas pelo professor, sentiram-se pequenos, crédulos da legitimidade da formação e conhecimento que conferiam ao ex-cirurgião. Com o tempo, amadurecidos, entenderiam que semelhantes papéis muitas vezes disfarçavam o despreparo de pessoas, o que não era o caso daquele solitário homem, e que paredes despidas daquelas aparentes garantias às vezes demarcavam o anônimo palco de brilhantes condutas médicas.

Foram bem recebidos. Ele lhes pareceu bastante próximo, diferentemente da postura mais formal que adotava nas aulas.

– Os cadáveres são obtidos de duas maneiras: por doação de seus familiares, coisa muito rara, ou quando não são procurados no prazo de trinta dias em hospitais, hospícios, serviços médicos legais. Praticamente todos são indigentes – esclareceu.

Enquanto observava com interesse o entusiasmo de seus alunos, sentimentos recônditos emergiam em sua mente. Algum dia confessaria a eles o quanto lhe faziam bem? Confidenciaria aos dois jovens que não se lembrava de quando fora tratado com tamanha consideração, após despido do conceito de brilhante profissional? Alegrava-se em ver que eles o procuravam não como o Dr. Djalma, mas como um homem de quem gostavam. Enfim, libertava-se pela gradativa distinção entre seu papel e seu ser. Não precisou mostrar nenhuma erudição ou conhecimento técnico para ser ouvido com respeito, ao advertir: – Cuidado para que não negligenciem os estudos, hein?... Vocês sabem que eu não vou poupá-los de minha exigência.

Seus colegas de mesa de anatomia não se interessaram em participar da investigação, apesar de curiosos. Menos ainda Gustavo, cada vez mais introvertido, incomodado com a crescente integração do grupo. Subestimava-os tanto mais quanto se via incapaz de compartilhar. “Eles ainda vão me invejar” – consolava-se.

A etapa seguinte foi esclarecer a origem do objeto de estudo que lhes chegara às mãos.

Na secretaria da disciplina de Anatomia, num arquivo muito bem organizado e muito bem guardado, para se evitarem problemas legais futuros, encontraram um Documento de Doação: “*Pelo presente e por minha inteira responsabilidade, livre de qualquer coação, dão à Faculdade de*

Medicina o corpo de meu irmão, Raimundo da Silva. Abro mão de qualquer eventual reivindicação à propriedade dele". Assinava o papel a letra tortuosa de uma Maria Domitília, cujo endereço os jovens anotaram. Havia, anexas ao envelope, cópias da Certidão de Nascimento da mulher, bem como do Atestado de Óbito. Estava lá dentro a Carteira de Trabalho do falecido. Os documentos comprovavam o parentesco dos dois. Dentro do livrinho mal conservado havia um retrato do futuro M-8 – um daqueles retratos revelados na hora, produzidos no estúdio aberto de uma praça pública. Um rosto de expressão nenhuma, gravado num momento de aparente vazio de esperanças. A um provável comando do fotógrafo, o homem olhara fixo para a frente, sem preocupações de ordem estética: uma "cara de tirar retrato para documento" e, assim, poder se "fichar" num emprego. Estava bem mais moço, mas era fácil reconhecê-lo, apesar do bigode reto e fino, adorno alheio ao contexto.

Se Raimundo da Silva aparecia ali sem qualquer mostra de emoção, o mesmo não se dava com os rapazes que vasculhavam a carteira. Era como se estivessem reencontrando uma pessoa querida, o primeiro elo entre o objeto que chamariam de M-8 e um ser vivo. Agora, já sabiam o seu verdadeiro nome!

Folheando o livreto de Registro Profissional – páginas desgastadas pelo freqüente manuseio – observaram os múltiplos contratos de

trabalho assumidos, na função de “servente de pedreiro”.

– Provavelmente ele passava direto de uma construção para outra, assim que iam terminando.

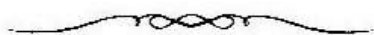
E, ao constatar que eram breves os intervalos entre um registro e outro:

– Ele conseguia emprego com facilidade; deve ter sido bom de serviço – orgulhou-se o estudante.

Maurício assentia com a cabeça, igualmente feliz, embora deplorasse a remuneração pelo ofício: – Uma vergonha!

Lembrou-se de procurar em sua pasta um comentário que recortara de um jornal. Já tinham discutido o assunto antes. Leu-o para Domingos:

– *“Os patrões queixam-se das regras financeiras impostas pelo Governo, considerando-as injustas. No entanto, adotam-nas sem hesitação na remuneração miserável de seus empregados, cumprindo a lei que os favorece neste particular. Procuram assim escapar do julgamento de sua própria consciência moral de cidadãos – que certamente os condenaria – sob o argumento de obedecerem à orientação oficial”.*



À última hora, Suzana decidiu acompanhar os amigos. Enfatizava-se muito “conhecer o contexto social no qual os doentes estavam inse-

ridos” e ela considerou que era uma boa oportunidade.

Foi difícil encontrar a residência de Maria Domitília, numa favela distante. Uma mulher gorda recebeu os jovens num barraco precário. Duas crianças agarravam-se ao seu vestido, intuindo a atitude defensiva da mãe.

Afinal, convidados a entrar, os dois homens sentaram-se numa cama. A moça hesitava, à porta, como que paralisada. Jamais vira tamanha pobreza, protegida pela distância que separava as janelas de seu apartamento daquelas casinhas agrupadas no morro, numa forçosa intimidade, ao longe. Materializavam-se, à sua frente, imagens de miséria que ocasionalmente apareciam na televisão como fundo de cenário, todas as vezes em que desabamentos, conflitos, incursões policiais mereciam espaço no noticiário.

Vistas como cenas de ficção, na falta de referências concretas de que fora privada, Suzana resistia a viver um contato real com a tristeza que seus olhos lhe mostravam: disputavam lugar, num único quarto, uma cama, um berço, um fogão com seu botijão de gás, uma prateleira e um pequeno armário. O chão era de terra, havia uma única janela de metal, basculante. O teto era de folhas metálicas. Não havia cadeiras, a mesa era um caixote. O calor era enorme.

Naquele ambiente, preso por um cravo grosseiro à parede, um Cristo Crucificado parecia também carente de proteção, impotente diante

do egoísmo humano que acarretava aquela miséria.

Percebendo o embaraço que causava, forçou-se a entrar e sentou-se junto aos colegas, mesmo temerosa de que o leito cedesse. Ignorava que aquela peça, pelas essenciais funções que atendia, era sempre a mais reforçada de lares como aquele.

“Era gente como aquela que sua mãe ajudava” – descobriu Suzana.

Não foi fácil romper a desconfiança da mulher.

Interrompendo periodicamente seu relato, para cuidar da preparação do almoço, ela contou o seguinte:

– Éramos em nove filhos, num povoado chamado Joguete, no Vale do Jequitinhonha. Lugar muito pobre. Vim trazida pra trabalhar de empregada doméstica. Aí engravidei do Zé e viemos morar juntos. Um dia o Raimundo, que era o caçula, apareceu aqui e morou com a gente por uns tempos. Depois alugou um cômodo ainda menor do que este, aqui perto. Eu preparava sua marmita. Nunca mais vi meus outros irmãos. Quando ele apareceu, me deu notícia de que dois já tinham morrido por lá, um de doença, outro de cachaçada. Raimundo não bebia nada, sempre foi muito trabalhador. Não fazia corpo mole. Seu vício era o futebol. Gostava de jogar bola todo fim de semana. Era muito esperto. E foi o futebol que matou ele. Saiu uma briga, ele caiu e

levou muito chute. Já foi pro Pronto Socorro desaccordado. Foi num domingo de manhã. Quando vieram me avisar, já era de tarde. Fui lá correndo, já encontrei ele morto, coberto com um lençol. Um funcionário falou que ele esperou muito tempo no corredor pra ser atendido. Na hora eu fiquei revoltada, mas depois fiquei sabendo que tem pouco médico e pouco enfermeiro. Eles não dão conta mesmo. E que quase ninguém quer ir trabalhar lá, porque pagam uma mixaria.

A comovida mulher interrompeu brevemente o seu lamento. Olhou pela porta aberta e, embora houvesse outro barraco bem defronte, seu olhar pareceu a tudo devassar, para buscar imagens perdidas noutras paragens, ao longe.

– Olha, moço... – dirigia-se a Maurício. – De criança, meu irmão era muito moleque, muito arteiro, mas gostava de fazer as coisas, de ajudar, não güentava ficar quieto. A maior alegria dele foi virar candeeiro de carro-de-boi. Vou contar... Todos meninos queriam ser, quando deu vaga. O dono do carro levava os meninos pra perto dos bois, pra ver quem levava mais jeito. Mas eles gostaram mesmo foi do meu irmão. Sabem por quê? – fez uma pequena pausa, como que preparando a revelação. Um ar divertido emergiu em seu rosto, amenizando provisoriamente sua expressão tensa. – Ele ainda fazia xixi na cama, e os bichos sentiram o cheiro do sal, lamberam ele!... Ganhava quase nada, mas tinha muito orgulho. O senhor sabe, o candeeiro serve

pra encaminhar os bois pra seguirem no rumo certo. É coisa de muita responsabilidade. Os meninos morriam de inveja. Como todos queriam o lugar, o dono aproveitava pra pagar uma miséria, era uma exploração. Mas a criança não ficava fazendo arte na rua e era uma boca a menos pra comer em casa. E podia virar carreiro depois, que é o homem que dirige a carroça e que ganha muito mais. Mas o Raimundo foi ficando grande, o carreiro nunca que dava lugar e ele não podia ficar mais de candeeiro. Aí, ele veio pra cá... Num era casado nem amigado, mesmo sendo namorador. Num gostava que ninguém prendesse ele.

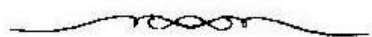
Um cheirinho gostoso foi surgindo da comida simples que a mulher preparava. As crianças, mais tranquilas, divertiam-se com caixas de fósforo vazias, que faziam as vezes de carrinhos, movimentando-as pelo chão empoeirado. O Tio Raimundo também brincara assim.

– Por que dei ele pros estudantes? Moço, eu tomei um choque tão grande... Me chamaram pra reconhecer ele lá no necrotério, depois... Eu num tive coragem de olhar... Morro de medo de defunto, ainda mais meu irmão... Quem reconheceu ele foi o Zé, meu companheiro. Aí, me disseram que eu podia dar ele pra Faculdade, que eles tomavam conta de tudo. Eu me lembrei daquele artista de televisão que morreu do coração e deu os órgãos dele todos. Achei que era a mesma coisa. Eu assinei o papel e saí dali cor-

rendo... Depois é que eu soube pra que era... No começo não me importei, não... Sabe, doutor, eu sou espírita, depois que a gente morre o corpo não vale mais de nada... Depois me bateu um arrependimento. Eu devia de ter enterrado ele. Outro dia eu sonhei com ele. Parecia triste...

O relato da mulher, salgado pelas lágrimas e suor, sacudido por suspiros, abriu caminho para um choro contido havia muito tempo, agora autorizado pelo silencioso respeito dos ouvintes.

O empenho em consolar a culposa irmã adiou, por algum tempo, a alegria dos estudantes pelo êxito de sua missão.



De volta à sua casa, Suzana, revoltada, procurou sua mãe, para transferir-lhe a responsabilidade pela alienação de que se tornara consciente.

– Você tem razão, minha filha. Eu errei mesmo. Eu quis protegê-la de conhecer o sofrimento do mundo, antes da hora. Depois, não tive mais coragem. Quando você falou que pretendia estudar Medicina, aí eu deixei por conta do tempo. Mas você sabe que eu nunca procurei me omitir em ajudar os necessitados, não é mesmo?

Suzana via uma mulher a tecer uma manta de lã cor-de-rosa – reconhecia a que se destinava. No seu rosto não havia culpa. Suas longas agulhas iam deixando uma esteira de fios entre-

laçados, coesos para a função a que se destinavam. Também ela se unira a semelhantes, para uma solidária missão. Embora não a enxergasse, a moça sabia que emanava daquele corpo a luz que a aquecera desde seu nascimento. E que se intensificara, para poder chegar a outros.

Comovida, ela envolveu sua mãe, ternamente, detendo, com seu abraço, seu generoso trabalho. Suas narinas recuperaram o cheiro gostoso daquela mulher, esquecido – admitia agora – pelo embotamento de sensibilidade a que se submetera por sua própria decisão. Em silêncio, beijou aquelas mãos ligeiras, abençoadas pelo servir sem alarde.



Pela paz de espírito que fecundou o reencontro com sua mãe, novas conseqüências se fariam inevitáveis. Ele marcou sua reconciliação com os valores humanitários que recolhera a um recôndito de sua mente, desestimulados pela busca de poder. Veio-lhe à mente seu conflito interior, a propósito do relacionamento com Maurício, onde também não estava coerente com seus verdadeiros sentimentos. – Mas, como resolvê-lo? –, desencorajava-se.

A mesma linha de ônibus prestava-se a reconduzi-los às suas casas, a cada tarde. Ela descia no meio do percurso, enquanto o jovem seguia até seu bairro longínquo. Encontrava nela

uma parceira ideal para suas brincadeiras, pelo seu permanente bom humor. Desenvolveu-se entre eles uma forte amizade que tornava prazeroso o convívio na viagem diária.

Certo dia, contudo, uma tia presenciou a intimidade dos dois e, na primeira oportunidade, preveniu a moça do risco de as pessoas concluírem que ela estava namorando um homem de cor negra ou que ele estivesse lhe fazendo a corte. Sequer lhe passava pela cabeça esta possibilidade! Suzana levou a sério a advertência, uma vez também ela temerosa do julgamento público que acreditava condenatório.

A moça branca arranhou pretextos para reduzir ao mínimo o encontro no ônibus e, quando era inevitável, adotava uma contrastante formalidade.

Consciente da mudança e inconformado, uma vez mais em sua vida Maurício suspeitou que a diferença de cor da pele influía no relacionamento, mesmo quando tudo o mais transcorria da melhor maneira possível. Frente à delicada situação, ele decidiu-se por interpelar a colega, por medo de cometer uma injustiça, embora julgasse compreender a razão do distanciamento. Não queria simplesmente fugir, desta feita.

Numa tarde em que estiveram a sós, na biblioteca, pediu uma explicação. Para sua surpresa, a moça começou a chorar. Admitiu o afastamento e, incontida, confidenciou: – Não consigo entender a mim mesma... Adoro sua com-

panhia, mas sinto vergonha de ser vista com você... E vergonha ainda maior sinto de minha covardia... Você tem todo o direito de me desprezar!

Embora se julgasse preparado, a revelação doeu fundo ao jovem. Baixou a cabeça, para esconder suas lágrimas. Sua vontade era sair dali, depressa, mas lembrou-se de seus sentimentos ao primeiro contato com o M-8.

Num grande esforço, completou, pausadamente, dividido entre ser compreensivo ou castigá-la: – Existem várias formas de escravidão... Nós, negros, só fomos libertados mediante uma lei, embora, na prática, permaneçamos cativos... Ao gostar de mim, você foi livre até para me confessar o conflito que a envergonha. Libertar-se de seus preconceitos, portanto, só depende de você, não há desculpas...

Com um movimento de cabeça, Suzana concordou, ainda assim aliviada. Fez-se um demorado silêncio. Absorvido o impacto causado pela confissão, os dois jovens sentiram-se novamente próximos, unidos pela coragem daquele diálogo.

O chamado dos companheiros para a próxima aula interrompeu aquele momento de embaraçosa comunhão.

CAPÍTULO VI



*A*proximava-se o fim do ano, o exame final já estava marcado. O corpo de M-8 já fora inteiramente devassado, mas era tempo de rever tudo que ele propiciara aprender. Com a lâmina afiada, Domingos cortou a linha com que ele e Maurício cuidadosamente costuraram aquele couro. Músculos e vísceras ressequidas, inelásticas, foram novamente expostos. Serventia final.

Até então, ninguém se preocupara com a destinação última daqueles cadáveres. Domingos e Maurício despertaram para a iminente separação.

– Os corpos são sepultados numa vala comum – informou o funcionário, sem qualquer emoção, mas aos dois amigos a notícia causou enorme perturbação.

– Vamos fazer um enterro para o M-8! – propôs Maurício, bruscamente inspirado. Sentado à sua frente, à mesa da biblioteca que compartilhavam desde o início do curso, Domingos

assentiu, surpreso com a idéia, mas feliz pelo achado. Para viabilizá-la – entenderam eles – precisariam de uma autorização especial.

O professor, passada a perplexidade pelo pedido, dispôs-se a tentar obter a licença. Assim, procurou o Dr. Aristides, decano da Escola, cirurgião aposentado, titular da disciplina de Anatomia.

Ele presidira a banca examinadora que conferira o primeiro lugar ao Dr. Djalma. O velho mestre recebera com desagrado o resultado final, conhecedor da rebeldia daquele médico. Contudo, jamais teve qualquer problema de relacionamento com ele. Ao contrário do que esperara, ele jamais questionou sua autoridade. Antes, ouvia as orientações com aparente aceitação, nas poucas reuniões convocadas. Era pontual, metódico, mas não se integrara, senão formalmente, ao grupo. Jamais o procurara em caráter particular, como agora o fazia. Assim, foi com curiosidade que o catedrático recebeu o subordinado em seu gabinete.

Com a argúcia que a longa atividade acentuou, ele logo detectou uma expressão diferente no rosto do rapaz. Na verdade, distinguiu ali uma vivacidade nova, até uma alegria, talvez.

– Em mais de 30 anos de trabalho nesta Faculdade, jamais ouvi uma idéia tão absurda – protestou o velho mestre, ao conhecer a causa. – Missas, tenho permitido, mas que argumento será capaz de justificar o funeral de um homem morto há quase um ano, um cadáver de sala de Ana-

tomia? Detesto abrir precedentes. Só falta o senhor querer que saia um féretro daqui, com acompanhamento e tudo.

– É justamente nisso que estou pensando – ousou Dr. Djalma.

Farejando um desafio, o decano procurou uma posição mais vantajosa na sua poltrona giratória. Contudo, a face de seu auxiliar não mostrava qualquer sinal de animosidade. Até exibía uma expressão amistosa.

– Na verdade, mestre, é bastante estranho o meu pedido, mas dois de nossos alunos querem prestar uma homenagem ao homem cujo cadáver lhes propiciou um aprendizado tão fundamental. Desta feita, não se trata de mais um capricho de estudantes. Os dois, Domingos e Maurício, que o senhor também conhece, houveram-se com respeito e seriedade no relacionamento com o exemplar que lhes coube. Inclusive, estão entre nossos melhores alunos.

– A idéia continua não me agradando – atenuou sua resistência o Dr. Aristides. – Você já imaginou se isto vira uma moda? E que tipo de repercussão pode causar? Você sabe que eu aprecio sobremaneira a sobriedade, a discrição.

– A repercussão pode ser a melhor possível – anunciou espertamente Dr. Djalma.

O titular era um homem de merecido prestígio, em razão de várias contribuições científicas originais. Diplomas, comendas e outros documentos ornamentavam as paredes, informan-

do que era membro de respeitadas sociedades médicas e que lecionara em vários países.

– Com sua autorização, uma emissora de televisão poderia patrocinar tudo – continuou o auxiliar, procurando aparentar naturalidade. – Seria uma homenagem simbólica que nossa Faculdade, através da Anatomia, prestaria a todos aqueles que cederam seu corpo para o estudo médico. Poderíamos divulgar o elevado propósito de nosso Curso e, com isso, estimularíamos o aumento das doações de cadáveres – arrematou.

Dr. Aristides observava lucidamente as maquinações de seu assistente, em seu esforço para convencê-lo. Acostumado ao competitivo meio acadêmico, aprendera a decifrar interesses sutilmente camuflados. Dono de perfeito autocontrole, intervinha nos momentos oportunos e quase sempre conseguia conduzir as relações na direção que mais lhe aprouvesse. Veterano de debates científicos e culturais, terreno de disputas de interesses ligados a prestígio, verbas, viagens, convênios, o catedrático tinha diante de si, naquele momento, um fraco oponente. Era vaidoso, traço que aprendeu a administrar sem maiores sofrimentos, ao contrário de Dr. Djalma, cuja história de ruína conhecia. Diferentemente dele, sua precoce consciência das relações sociais evitara-lhe muitos transtornos. E a maturidade foi moldando sua sólida personalidade. Num ambiente movido a propaganda, ele não só atingia seus objetivos profissionais, como ainda lapidava seu ego.

Reconheceu verdadeiros os ganhos advindos do estranho projeto de seu auxiliar, além da oportunidade de divulgação de seu Departamento de Anatomia e, concomitantemente, de seu trabalho pessoal. Assim, comunicou-lhe o triunfo de sua proposta. E surpreendeu-se com a intensidade da alegria do jovem professor, sempre comedido em suas comunicações.



Após a bem sucedida entrevista, caminhando pelos corredores da Escola, Dr. Djalma questionava-se sobre suas últimas atitudes. Estranhava-se. Não conseguia explicar o que o movera a adotar a idéia do tardio funeral, que também considerava absurda. E, mais ainda, o que o levara a defendê-la diante do catedrático. Também questionou o porquê de tanta satisfação, obtida a autorização. É verdade que se ligara muito aos dois alunos, mas adotara aquela exótica causa só por eles ou por que tinha algum segredo e incompreensível interesse naquele cadáver, um dentre tantos que demoraram sobre as mesas de dissecação?

Numa das esquinas, quase chocou-se com Gustavo. O encontro, pelo inesperado, não favoreceu dissimulações de sentimentos. O aluno desculpou-se, contrafeito. Ninguém manifestou qualquer sinal de simpatia. Na verdade, o constrangimento expressava fielmente a tensa relação mantida durante todo aquele período.

O incidente reavivou seu ressentimento contra o rapaz. Compartilhara com ele seus melhores conhecimentos e dele obtivera uma atitude de silenciosa competição. Agora, na iminência do fim do curso, não recebia qualquer aceno de gratidão.

Uma convivência mutuamente desagradável. De um lado, aquela muda hostilidade. De sua parte, a incômoda constatação de suas semelhanças.

– Eu já fui como ele... – confabulou.

Surpreso com a espontânea síntese que acabara de elaborar, o ex-cirurgião foi experimentando um suave consolo. A dimensão de tempo, expressa pelo pretérito, carregava uma dramática constatação: ele mudara, rompera com uma forma de ser que mantivera sua vida fria e solitária! Ao se entender reconciliado consigo mesmo, ao lume dos novos valores que praticava, o médico pôde inventariar outros sentimentos até então emaranhados. E o M-8 veio-lhe à mente, pela primeira vez chamado pelo nome adotado pelos seus alunos. Via-o sobre a mesa, como um gesto interrompido, tornado semente de vivificação pelos significados que pretextou, assombrosa alquimia! Dr. Djalma sentia-se grato àquele pobre cadáver, agente involuntário de sua transformação.

CAPÍTULO VII



A noite, no programa de variedades mais popular da TV, a reportagem sobre o enterro de M-8, prévia e insistentemente anunciada, era o maior destaque. A entrevista com o professor Aristides, originalmente longa, foi reduzida a pouco mais de um minuto. A apresentação do brilhante currículo do mestre foi engolida pelo editor do programa, interessado em tornar o trabalho mais interessante, polêmico e original. Sua figura sisuda, em seu belo gabinete, foi logo substituída pelas imagens da sala de Anatomia, enquanto sua voz enaltecia a necessidade da cessão de corpos para os estudos, o que redundaria, afinal, “*em benefícios para a ciência e para toda a comunidade*”... Estudantes foram mostrados dissecando um cadáver, até que a câmera filmadora se deteve brevemente sobre o homenageado, “*que representava todos que, post-mortem, ajudaram a vida*”.

Não interessou ao diretor da TV mostrar o caixão, com mais detalhes. Obedecia ao “*ele-*

vado propósito de não chocar a opinião pública". Se se detivesse, revelaria uma modesta urna de madeira, contendo um defunto vestido de terno, camisa, gravata, parcialmente coberto com flores de cores discretas. Semelhante a qualquer outro, exceto pelo rosto assustador, de pele atrofiada e ressequida. Fora sob protestos que os empregados da funerária, acostumados a preparar o leito último de pessoas, executaram aquele serviço desagradável. Jamais se depararam antes com um ser tão ostensivamente morto, sem o habitual aspecto de normalidade dos demais defuntos. Sentiam-se lesados por aquela tarefa sem brilho, não previamente contratada.

O repórter informou, com imagens, como se dava a conservação dos corpos, enfatizando o respeito que se fazia presente. A seguir, o caixão foi levado ao carro funerário, ali perto estacionado. Pequeno séquito de carros levava os professores de Anatomia, os diretores da Faculdade, estudantes. Maria Domitília seguiu no carro onde estavam Domingos e Maurício. No cemitério, o capelão do Hospital da Faculdade, respeitado orador, consciente da oportunidade daquele momento, preparou uma magnífica reflexão e filosofou sobre o mistério da vida e da morte, enfatizado naquele raro evento. Mas seu erudito discurso, embora gravado na íntegra, foi reduzido a algumas frases esparsas, escolhidas pelo critério da utilidade. O apresentador da TV preferiu exaltar a originalidade do episódio. Ao

final, a frase “*hic mors gaudet succurrere vitae*” foi exibida e, esclarecido seu significado, encerrou-se o trabalho jornalístico.

Naquela relação de uso que se estabeleceu entre as diversas partes, levou vantagem a televisão. Montou o programa a seu modo, privilegiando a figura mais importante do acontecimento — o cadáver —, visando a alcançar seu claro objetivo de obter elevada audiência. E foi um sucesso!

Na semana seguinte, no mesmo programa de TV, após reprisar cenas marcantes do trabalho anterior, o apresentador ressaltou os resultados práticos: várias doações, algumas garantidas em vida na voz dos proprietários dos corpos, desde enfermos até pessoas saudáveis, atendendo desde motivações elevadas de fim de existência até valiosas oportunidades de evidência diante de milhões de espectadores. Foi ressaltada, com orgulho, a repercussão, a nível mundial, da reportagem.

Pouco tempo depois, o prefeito de Joguete, cidade natal de Raimundo da Silva — já resgatada a verdadeira identidade de M-8 —, um médico que resolvera se dedicar à política, anunciou a construção do Monumento ao Indigente Desconhecido, encomendando o trabalho a um artista, que esculpiu um busto com a imagem do ex-candeeiro. Naturalmente, a estação de TV, convocada, prestigiou, na devida conta, a “*inédita homenagem*”.

Mal reconduzida à sua modorra cotidiana,

após a inesperada divulgação de sua existência por todo o país, a população da cidade voltaria ao noticiário nacional, de uma forma igualmente inusitada, meses depois. Um vereador da Câmara Municipal, companheiro de infância do homenageado, propôs aos seus pares a recuperação dos restos mortais do mais famoso cidadão local. O projeto foi aprovado por unanimidade.

A informação chegou até Domingos e Maurício. Grata ao filão de notícias aparentemente inesgotável, a imprensa propiciava aos dois acompanhar, à distância, a seqüência de fatos ocorridos após a homenagem que prestaram ao M-8 com tanta emoção. Lamentavam não poder interromper aquele jogo sem escrúpulos.

– Não passam de um bando de urubus em cima daquele corpo! – indignavam-se. – Não deram ao Raimundo um mínimo de condições para uma existência decente. Foi forçado a deixar o sossego de sua cidade para procurar emprego num lugar maior. Não podia adivinhar a miséria que o esperava. E, agora, ainda querem tirar proveito dele, com todo o cinismo? Na verdade, são muito piores que urubus, que, pelo menos, ainda servem para alguma coisa!

CAPÍTULO VIII



*P*ouco tempo depois, a pequenina Joguete foi sacudida por enorme comoção, frente a um novo fato. Diante da multidão que o aguardava, o corpo do mártir chegou ao cemitério, para seu segundo funeral, precedido de uma informação assombrosa: removida a terra que o envolvia, o cadáver apresentara-se tal qual saíra da Faculdade de Medicina, sem qualquer sinal de decomposição! Debalde, o pároco tentou, aos berros, controlar a crescente inquietude das pessoas e explicar que o corpo, impregnado de formol, ainda resistiria ao ataque dos vermes por muito tempo.

Para desespero de seus organizadores, todo o cuidadoso cerimonial, recheado de discursos que certamente lhes trariam valiosos ganhos, tornou-se inviável, substituído pela ruidosa agitação da massa. Não fora o lacre da nova urna, mãos histéricas teriam devassado o último nicho reservado àquela carcaça mumificada, ávidas para confirmar o milagre.

Usando o resto de autoridade que lhe sobrava, o padre ordenou aos funcionários que descessem o caixão à cova, o que fizeram afoitamente. Em meio a protestos, cobriram de terra a caixa, tão depressa quanto puderam.

Na missa domingueira, o religioso tentou trazer os fiéis ao juízo. Tarde demais. O boato já se espalhara por toda a redondeza, atraindo uma multidão de pessoas sequiosas por um aceno dos céus para aquele ermo miserável, abandonado face à indiferença dos homens de poder.

Com uma rapidez proporcional ao absurdo que elevou o anonimato daquele miserável grotão à ampla notoriedade, improvisadas barracas foram montadas na rua que conduzia ao cemitério. De um dia para outro, rústicos lavradores ingressaram na sedutora função de comerciantes, bem mais rendosa. Roças foram abandonadas às crianças que, no entanto, safavam-se para a cidade, enlouquecidas pela festa inimaginável. Comerciantes forasteiros chegaram com seus fascinantes artigos e, de pronto, recebiam a hostilidade da nova classe trabalhadora local, despreparada para o desafio. À leva de romeiros que visitavam o túmulo de Raimundo da Silva somava-se a chegada de pessoas atraídas pelo novo comércio.

Um surto de prosperidade sacudiu Joguete, particularmente a população do campo, no seu rápido aprendizado de conseguir seus rendimentos por si mesma. Para manter um mínimo

de empregados em suas propriedades e, assim, preservar seu patrimônio, os patrões foram obrigados a remunerá-los melhor, concessão antes impossível.

Preocupou aos líderes do povoado a extinção daquele lucrativo período, ameaçado pelo empenho do vigário em desautorizar a farsa instalada em sua paróquia. Uma comissão foi investida da delicada tarefa de convencê-lo a mudar de posição.

– Mentira ou não, o fato é que nossa cidade jamais viveu uma época de tanta riqueza. Nunca entrou tanto dinheiro em Joguete. Todo o trabalho feito aqui, desde quando me lembro, não rendeu o que estes meses nos deram. Com todo o respeito e até assumindo nossa culpa, toda a sua pregação de justiça social nunca deu em nada. A terra é ruim, o povo é ignorante e o governo não toma conhecimento de nossa existência. As pessoas querem acreditar no milagre do Raimundo, ninguém está sendo forçado. Então, por que não deixar que cada um pense o que quiser? É questão de fé! E eles estão muito mais felizes assim!

O pároco não teve como negar cada uma daquelas palavras, mas guardou sua concordância para seu íntimo. Também ele vinha desgastado, desiludido. Ingressara na vida religiosa cheio de ideais. Reconhecia seus próprios méritos por não tê-los abandonado, mas, quanto a realizá-los, era outra coisa. Desde o início da

quela loucura que tanto repudiara, o número de fiéis aumentara, nas missas dominicais os donativos para os mais carentes ganharam maior volume – reconhecia. O ímpeto de sua oposição vinha perdendo força, à medida que caía no vazio ante seus protegidos.

Contrariando a expectativa, ele não reagiu às audaciosas argumentações. Fez um único comentário: – Vou pensar no assunto.



A sós, sentado num dos toscos bancos de madeira, diante do altar singelo que ele abstraía de sua visão pela íntima reflexão, seus pensamentos fluíam: – Também ele não aspirava por um milagre?... E, afinal, o que seus olhos lhe reportavam não era, de certa forma, milagroso? Então um homem humilde, após uma curta vida despidada de fatos extraordinários – um dentre tantos que só não renunciaram à sobrevivência – não alcançara tamanho significado, mesmo quando reduzido a um horrendo objeto? E de que outra forma aquela região mereceria atenção especial, divulgadas sua indigência e abandono? Já não estavam ali os políticos de sempre, vivendo um momento incômodo porque distante dos pleitos eleitorais e ainda ameaçados por uma inesperada concorrência? O contexto não os forçava, desta vez, a trocar benfeitorias por votos, bem mais do que as promessas vazias de sempre?

Assim, prontamente decidiu-se a não interferir nas credices de seus paroquianos. No interior de sua igreja não toleraria qualquer culto profano, mas, lá fora, não se pronunciaria. Quanto aos seus superiores, continuaria informando-os de seus esforços “para pôr fim à desautorizada veneração”.

No mesmo momento em que seu auxiliar acendia as luzes do templo, ele recolheu de sua meditação, cristalina, sua libertadora síntese: – Não mais sirvo à Igreja! Sirvo somente à minha consciência!

Dias depois, como uma legitimação de que não mais precisava, chegou um comunicado, deliberadamente ambíguo: *“Não se apresse a separar o joio do trigo. Deixe nossas ovelhas retornarem. Você sabe que temos perdido muitas delas para outros credos”*.

Mas o padre estava nas ruas, ocupado em negociar uma atitude complacente por reforma da escola, merenda escolar nutritiva, saneamento, cuidados médicos, enfim, pelo necessário a uma vida material decente.



Para decepção do prefeito, o Monumento ao Indigente Desconhecido, fruto de inspirada idéia, minguiu de importância. Se o mausoléu favorecia tão mais pomposamente ao culto, por que iriam as pessoas se contentar diante da está-

tua de bronze que reproduzia uma figura andrajosa, retrato da pobreza que as afligia? Se ele pudesse adivinhar o que se seguiria ao retorno do corpo – lamentava-se –, teria erigido uma homenagem específica a Raimundo da Silva e, assim, teria seu nome associado ao do homem que se prestava às mais comoventes histórias.

No interior de seu pequeno palácio de mármore, alheio a tudo, enclausurado naquele cofre, sob a terra vermelha tão pobre quanto ele, M-8 ficou finalmente oculto das conveniências dos jogos sociais, distante dos interesses contraditórios de seus semelhantes. Havia muito seu espírito reunira-se a seus iguais, atingindo outras instâncias. Desde seu primeiro enterro, ele se afastara do corpo que animara, aliviado da descrença dolorosamente acumulada enquanto ser vivente.

Lá na superfície, em meio à ingenuidade de alguns e à rapacidade de outros, M-8 persistiu na memória de quem a ele verdadeiramente se afeiçoou, ainda quando era apenas material de estudo. E continuou a influenciar suas vidas...



Salomão Polakiewicz nasceu em Belo Horizonte, em 1937. Filho de imigrantes poloneses, com suas dificuldades naturais decorrentes das diferenças de religião, língua e cultura, o autor cresceu em meio a um complexo processo de integração. Formou-se em Medicina em 1965, tendo concentrado suas atividades em serviços previdenciários, imerso no cotidiano das injustiças sociais e dos heroísmos anônimos.

Contato: Salomão Polakiewicz
email: salopola@yahoo.com.br
Whatsapp: (31) 99953-2237

“Este texto tem reserva de direito autoral, sendo vedado o uso comercial ou qualquer outro uso sem autorização do autor. A Migdal Filmes comprou os direitos de filmagem.”

M-8

Quando a Morte Socorre a Vida

Salomão Polak

Hic mors gaudet succurrere vitae.
Aqui a morte se alegra de socorrer a vida.

Quem é M-8?
Ou melhor, quem foi M-8?
Ou ainda, o que será feito de M-8?
Como é possível a morte socorrer a vida?
Onde a morte se alegra de socorrer a vida?

Essas e outras perguntas são respondidas pelo autor ao longo de um relato ao mesmo tempo engraçado, pitoresco, comovente.

A narrativa envolve e prende o leitor num clima de suspense, levando-o a um desfecho surpreendente e inesperado.

Se você quer saber quem é M-8 (e também quem foi e o que será feito dele), se você não imagina como e onde a morte pode salvar a vida, não deixe de ler M-8. Ele vai tocar sua vida de uma forma única e especial.

